

# **O PIOR E O MELHOR DO HUMANO: REFLEXÃO SOBRE A COMPLEXIDADE DA HUMANIDADE E SUA CORRELAÇÃO NOS ANIMAIS NÃO-HUMANOS<sup>1</sup>**

Karine Ferreira Sanchez<sup>2</sup>

Prof. Dr. Humberto Calloni<sup>3</sup>

## **RESUMO**

Este artigo aborda a necessidade ética no âmbito da subjetividade humana nas relações entre humanos, bem como estes e os animais não humanos. A partir da disciplina de Educação Ambiental e Complexidade, e do estudo da obra de Edgar Morin, foi possível elencar um conjunto de disposições que têm regido as ações e os pensamentos humanos em relação a sua Outridade. O trabalho procurou responder à seguinte questão: Como compreender a defasagem das relações humanas e dos humanos com outros animais através do olhar da complexidade? O objetivo é contribuir com reflexões que levem em conta a natureza humana a partir da sua subjetividade e da noção de *triunidade* emprestada à complexidade do pensamento do Morin: indivíduo, sociedade, espécie. Para esta finalidade, utilizamo-nos de metodologia fenomenológica, cujo caráter descritivo/crítico procura compreender a essência do fenômeno inscrito na problemática apontada. A relevância do tema é favorecer a emergência de uma consciência ética e o alerta para a ampliação de horizontes para além da racionalidade instrumental que, silenciosamente, prejudica as relações entre as espécies e, com efeito, a qualidade de vida dos seres com quem convivemos.

**Palavras Chave:** Humanidade – Complexidade – Ética - Animais não humanos.

## **THE WORST AND THE BEST OF THE HUMAN BEING: REFLECTIONS ON THE COMPLEXITY OF HUMANITY AND ITS CORRELATION IN NON-HUMAN ANIMALS<sup>1</sup>**

## **ABSTRACT**

This article discusses the need for ethics in the context of human subjectivity in the relationship between humans, as well as these and non-human animals. From the discipline of Environmental Education and Complexity, and study the work of Edgar Morin, it was possible to list a set of rules that have governed the actions and human thoughts regarding their Otherness. The study sought to answer the following question: How to understand the lag of human relationships and of humans with other animals through the eyes of complexity? The aim is to contribute with reflections that take into account human nature from its subjectivity and the notion of the triunity (lent to) complexity of Morin's thought: individual, society, species. For this purpose, we used the phenomenological methodology, whose descriptive/critical character seeks to understand the

---

<sup>1</sup> Artigo desenvolvido a partir da disciplina de Educação Ambiental e Complexidade 2012/1, e proposto para submissão de trabalho na Revista Criar Educação.

<sup>2</sup> Mestre em Educação Ambiental pelo Programa de Pós Graduação em Educação Ambiental, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

<sup>3</sup> Professor orientador. Leciona Filosofia e Educação Ambiental e Complexidade – FURG/CNPq. Licenciado em Filosofia e Pedagogia. Mestre e Doutor em Educação – UFRGS.

essence of the phenomenon inscribed on the issue pointed. The relevance of the theme is to foster the emergence of an ethical awareness and an alert for expanding horizons beyond instrumental rationality that silently undermines relationships between species and, indeed, the quality of life of beings with whom we live.

**Keywords:** Humanity – Complexity – Ethics - Non-human animals.

## INTRODUÇÃO

Foi fundamental, na construção da epistemologia da minha pesquisa, a compreensão mais complexa possível sobre o ser humano. Compreendendo sua natureza, fica mais claro e completo o entendimento das suas relações interpessoais e com outras espécies. O humano, neste sentido, é um ser estudado e, ao mesmo tempo, alvo da pesquisa, já que esta trata da Educação, e precisa levantar reflexões que só podem ser feitas com, pelo, e para o humano.

A partir das aulas da disciplina de Educação Ambiental e Complexidade, e do texto estudado *O Método 5: A humanidade da humanidade*, pude compreender o ponto de vista de Morin sobre o ser humano, o que muito me ajudou na pesquisa que desenvolvi sobre a ética na relação entre humanos e animais. Assim como ele, acredito que “... cada ser humano carrega, em potencial, o pior e o melhor do humano, que a desumanidade faz parte da humanidade...” (2002, p. 63). Por humanidade, entendemos desde o conjunto da espécie humana até atributos sentimentais positivos conforme o dicionário Priberam<sup>4</sup> da língua portuguesa:

**humanidade**

*(latim humanitas, -atis) s. f. 1. O conjunto dos homens. 2. Natureza humana. 3. Gênero humano. 4. Bondade. 5. Benevolência, compaixão.*

Entretanto, neste artigo, não podemos somente buscar subsídio que demonstre a formação dos indivíduos no percurso da humanidade até a pós-modernidade, observando na sua singularidade uma potência para o mal como se fosse algo que, por ser intrínseco torna-se autoexplicativo e inevitável. O que queremos dizer é que, mesmo compreendendo que a complexidade explica o processo de transformação do mundo (seleção natural, adaptação de espécies a um novo meio, aspectos biológicos e sociais em um sistema de interdependência, prevalência de um ser sobre outro, predadorismo, tradição...), não podemos deixar de lembrar que vivemos em civilizações projetadas com regras, e elas

---

<sup>4</sup> Consulta on line: <http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=humanidade> em 14/12/2012

também fazem parte da natureza, já que fazem parte do homem. A partir delas, o mundo vai se direcionando para o que é “certo”, ou “usual” no momento. Em uma contextualização sociobiológica, isso é absolutamente natural e é muito do que vem regendo as condições e relações no planeta.

A questão principal deste trabalho então é: Como compreender a defasagem das relações humanas e dos humanos com outros animais através do olhar da complexidade? Outras questões são emergentes: a humanidade tem feito as devidas adaptações, reflexões e renovações dos conceitos, filosofias, e valores a uma nova concepção de mundo e de mentalidade? Não haverá um conformismo intensificado pelo capitalismo pulsante, no qual a mídia é um ditador fantasiado de passividade, no qual o capital é a prioridade, e no qual as relações estão cada vez mais evaporadas? E, neste contexto, no qual dentro da própria família e em outros microcosmos do cotidiano há o distanciamento e um excesso de individualismo, como se tornará um hábito pensar eticamente no ser vivo com quem<sup>5</sup> não convivemos (animais que estão no meio humano através do conceito de utilidade, e onde dificilmente haverá um benefício mútuo; por exemplo: os animais utilizados para alimentação, vestimenta, tração, lazer, tradição, ou os domésticos abandonados ou “errantes”, tantas vezes atropelados e esfomeados?).

Quando admitimos que existem contradições, fraquezas e limitações éticas na constituição dos seres humanos como sujeitos sociais e culturais, estamos dando o primeiro passo para a busca de um aprofundamento moral, que é também condizente com o desenvolvimento da afetividade e da sensibilidade. Também por isto é que, na nossa pesquisa e neste artigo, buscamos autores, não que “perdoassem” as barbáries, mas que compreendessem as naturezas do ser humano, a partir do entendimento de uma rede complexa de significações que incluem instintos primitivos, genética, convívio social, construção e manutenção de tradições e assim por diante. Encontramos em Morin esta compreensão e, a seguir, busquei autores específicos que estudam e produzem conhecimento sobre o direito dos animais. Estes renegam qualquer hipótese de relativismo no comportamento ético, acreditando que a ética verdadeira deve construir a moral e esta, a legislação, ou seja, para uma atitude verdadeiramente ética, não podemos levar em

---

<sup>5</sup> Utilizamos o pronome “quem” propositalmente, como um convite a pensar no ser vivo como indivíduo, e não como coisa, ou seja, como “o qual”.

consideração uma cultura de maus tratos aos animais, por exemplo, simplesmente pelo fato de ela ter se tornado tradicional.

Estes autores, que dissertam sobre a ética, são Peter Singer e Paula Brugger, intelectuais da consideração moral para além dos seres humanos. Brugger, no seu artigo: *Vidas Descartáveis: nossos animais de estimação*, reflete sobre a relação das pessoas e dos animais domésticos, incluindo aqueles que se encontram desamparados por um sistema degradante de descuido e de abandono. Como educadora ambiental, ela tem posições firmes em relação a uma educação que possa superar a força da cultura de massas e, a respeito disso, defende que a educação não é um adestramento.

Peter Singer, um dos maiores filósofos contemporâneos sobre a libertação animal, acredita numa ética voltada para a vida. Para ele, a ética é uma concepção que não pode ser condicionada culturalmente, ou seja, não é relativa a cada sociedade. Por exemplo, se, para nós, que vivemos em uma sociedade brasileira, mestiça, onde os direitos trabalhistas já foram discutidos e levados em conta, a escravidão é uma coisa errada, por que em outra sociedade, diferente da nossa, em que as autoridades ainda utilizam a escravidão, e a consideram uma atividade correta, nós continuaríamos pensando que a escravidão é errada? Porque, para nós, de fato, ela é errada; não porque ela é proibida no meu país, mas porque já tive oportunidade de conhecer suas características e, independente de onde vivemos, ela continuará sendo uma prática errada. Não são documentos institucionalmente legitimados ou decretos oficiais que definirão o que é ético e moral. Esse papel definirá a legislação que já mediu o que é ético e moral, e fará isso para que possa exigir a obediência social, enquanto a ética está antes do documento, não depois.

Ora, se a questão da escravidão é uma questão cultural e de legalidade, não há discussão. Para alguns, ela é errada e, para outros, ela é certa, sendo que ambas as posições estarão falando a verdade. A questão é: Por que a ética deve ser a mesma em todos os lugares, e para todos os grupos? Se aqui a escravidão humana foi proibida por utilizar seres humanos como máquinas, no outro lado do mundo, onde ela é legal, não são humanos também que estão sendo utilizados como máquinas? Qual a diferença real entre humanos brasileiros e não brasileiros?

O exemplo da escravidão é dado por Singer para nos fazer pensar sobre o certo e o errado para além das convenções e decisões sociais, para pensarmos na moral e na ética como fatores independentes das condições externas ao problema ou paradigma.

Este artigo pretende suscitar aquilo que revigora a idéia de que não estamos sozinhos no planeta, e influenciados direta e demasiadamente nos animais, não só naqueles que convivem diretamente conosco, como também naqueles que estão envolvidos, implicitamente, no nosso sistema político-social.

## **PROBLEMATIZAÇÃO**

É preciso aprofundar estas questões e encontrar a problemática no subsolo da natureza/cultura e, mais ainda, no âmago da espécie humana, levando em conta o espírito (mente) de que fala Morin. A dominação da natureza é um fator muito relevante filosoficamente, se quisermos compreender as relações éticas ou não éticas. Ela levou o homem de uma origem de utilização para a subsistência ao ápice de devastação ilimitada para suprir necessidades criadas que, por sua vez, não promovem benefícios reais para a vida humana.

Em *O Método 2: A vida da vida*, o autor diz que as sociedades arcaicas de caçadores-coletores pertenciam a um ecossistema e, mesmo que degradando-o, com fogo, por exemplo, produziam sua organização na eco-organização, mas que, mais tarde, no surgimento da história, as sociedades eram maiores, transformando a ecologia e a relação de dominância e controle do ecossistema (Morin 2005, p.88). A sujeição da natureza em si é um fenômeno não estritamente humano; outros animais subjagam a natureza para manter suas vidas, num processo natural; porém: “A sujeição da natureza pelo homem transformou a natureza da sujeição” (Ibidem, p.89). Isso significa que a sujeição da natureza passou a ser exagerada, ou seja, abusiva, e que esta não teve seus limites físicos respeitados. A sujeição transformou-se, de adaptação do meio para a vida, para a prática de um antropocentrismo “selvagem”.

A subjugação do animal, que constitui a criação e a domesticação, retrata um fato de praticidade ao humano, já que o animal se prepara natural e involuntariamente para o trabalho e para servir de alimento. Porém, não é só a relação direta entre humano e animal criado/explorado/abatido que configura a subjugação animal da natureza. Outras relações mais indiretas, como a exploração do ambiente em si, afetam a vida de muitos indivíduos e espécies; por exemplo: a construção de estradas, as quilométricas lavouras envenenadas, as construções civis em áreas ainda com a presença de flora e fauna nativas, a poluição do ar,

água, e sonora produzida por máquinas e veículos, a substituição da mata nativa pela plantação de pinus e eucalipto que não abrigam as mesmas espécies daquelas, e tantas outras manifestações nas quais a morte dos indivíduos não está tão explícita quanto nos matadouros, onde animais transformam-se em quilos de carne, mas que não significa que um processo de inanição de outros seres vivos locais não esteja acontecendo, o que causa ainda o empobrecimento crescente da biodiversidade. Morin (2005, p.89) relata a modificação da relação de adaptação do meio:

O controle ecológico que era detido esporadicamente por diversas espécies marginais, torna-se, em primeiro lugar, um controle antropossocial permanente e sistemático. A dominância de uma biomassa maioritária é agora dominada pela dominação de uma práxis minoritária.

Se utilizarmos a dose certa de egoantropocentrismo, ou seja, a consideração de nossa autovalorização e a valorização de nossa espécie, observaremos que temos sido, sim, a única espécie que constrói e desconstrói, dita, acredita e desacredita, escreve, convence e transmite as próprias noções de valor moral. Sendo assim, fica claro que temos a inteligência para selecionar o certo e o errado segundo nossos parâmetros. E se apenas seguirmos o curso da sociedade sem a reflexão de nossas práticas, estaremos quase que negando aquilo que temos além, aquilo que nos diferencia dos outros animais, a ciência da racionalidade. Neste sentido, seria inteligente se conseguíssemos ter, e naturalizássemos o respeito e a ética às outras espécies vivas.

É uma recusa à nossa integridade complexa (intelectual, afetiva...) supormos que, quando nos convenha, nos definamos como os civilizados, racionais, morais, tendo, portanto necessidades especiais, se em outras ocasiões nos colocamos como os predadores inevitáveis, no topo da cadeia alimentar e do domínio do que é selvagem, descobridores do fogo, necessitados da carne, do acasalamento e do território. Precisamos (tentar) criar uma consciência complexa que equilibre o entendimento de que somos animais, sim, mas que nosso processo civilizatório não moderniza ou pós-moderniza somente a racionalidade bruta, a tecnologia, a maquinaria, a medicina, mas também a filosofia e a moral. É insustentável viver a contemporaneidade baseada, mentalmente, em uma cultura aristotélica que, fortalecida pelo cristianismo, colocava obrigatoriamente todos os outros

seres vivos a serviço do progresso do humano e toda a natureza como recurso a ser explorado, como disse Thomas (2010, p.21):

(...) a visão tradicional era que o mundo fora criado para o bem do homem e as outras espécies deviam se subordinar a seus desejos e necessidades. Tal pressuposto fundamenta as ações dessa ampla maioria de homens que nunca pararam um instante para refletir sobre a questão. Entretanto os teólogos e intelectuais que sentissem a necessidade de justificá-lo podiam apelar prontamente para os filósofos clássicos e a Bíblia. A natureza não fez nada em vão, disse Aristóteles, e tudo teve um propósito. As plantas foram criadas para o bem dos animais, e esses para o bem dos homens. Os animais domésticos existiam para labutar, os selvagens para serem caçados.

É compreensível o quanto a humanidade internalizou esse princípio, muitas vezes cega e surdamente. Passou-se muito tempo, no qual os humanos reafirmam os mesmos hábitos e os mesmos pensamentos que tornam a reafirmar os mesmos hábitos. Tantas vezes isso aconteceu de maneira irrefletida, e outras tantas refletida, sim, e defendida com uma vasta herança de “justificativas”, como o autor nos colocou, que este comportamento perpassa gerações a perder de vista.

## **COMPLEXIDADE**

A complexidade explica os fenômenos histórico-culturais intrínsecos nos biológicos e aponta para soluções que dependem da internalização de certas concepções. Neste sentido, a Educação Ambiental pode ser o eixo de interlocução das concepções éticas no sujeito, compreendendo-o como homem e animal, intuitivo e civilizado, racional e emotivo, sapiens e demens e, mais importante, capacitado para compreender e multiplicar a própria inteligência, então:

Assim, a diversidade está inscrita numa unidade da vida. Esta, a partir de um primeiro ser celular, diversificou-se fervilhando pelos reinos vegetal e animal. Deve-se essa diversidade, quanto aos animais nascidos de reprodução sexuada, à singularidade oriunda da combinação de dois patrimônios genéticos, mas também ao desenvolvimento próprio e às experiências particulares vividas por cada um até

a idade adulta; assim, entre os animais domesticados, as violências sofridas ou as carícias recebidas, determinam caracteres opostos. (MORIN, 2002, p.59)

Os conceitos que cercam as dualidades do *homo* referem-se principalmente às suas capacidades de abarcar a condição humana na civilização e a condição primitiva do animal humano, parte inevitável da natureza. Refere-se ao paradoxo sociedade ou cultura X natureza, porém retirando a idéia de *versus*, ou seja, colocando sobre a união entre as condições que o constituem uma não mais que a outra. Porque de fato nunca existiu o *homo* sem a complexidade de sua subjetividade (indivíduo), seu meio (sociedade) e sua natureza (espécie).

A complexidade coloca-se, a nosso ver, como uma epistemologia capaz de compreender o humano, sua natureza interna e sua natureza externa, isto é, por levar em conta todos os aspectos e categorias biológicas e sociais que o cercam: desde a fisiologia à pré-história, história e tradição. Morin confirma que o ser humano, a partir da tríade *indivíduo, sociedade, espécie* é produtor de sua própria cultura, num processo circular, ou seja, também é produzido por ela:

...não só os indivíduos estão na sociedade, mas a sociedade também está nos indivíduos, inculcando-lhes, desde o nascimento deles, a sua cultura. Os indivíduos são os produtos do processo reprodutor da espécie humana, mas este processo deve ele mesmo ser produzido pelos indivíduos. (MORIN, 2002, p.52)

Para este autor, os humanos têm em comum aquilo que dá sentido à humanidade da humanidade, *uma qualidade cerebral que permite o surgimento do espírito, o qual permite o surgimento da consciência ( ibidem p. 59).*

Torna-se necessário, portanto, na pós-modernidade, o esclarecimento do que faz o sistema capitalista com as sociedades, e também que este não é o único fator determinante para a degradação natural, biodiversa, e social da Terra. A solução, neste sentido, poderia ser o desenvolvimento de uma nova postura consciencial e comportamental que, ainda que lenta, seja realmente internalizada, e não cumpridora de regras sociais.

## CULTURA DE MASSAS

As questões colocadas no início deste texto podem ser respondidas aqui de forma breve, mas devem ser levadas em conta quando o assunto for filosofia e ambiente: Sobre as adaptações reflexivas do humano pós-moderno, pode-se dizer que, cada vez menos timidamente, grandes autores trazem a questão e mais pessoas têm acesso às novas reflexões sobre o direito dos animais, mas pelo tema não fazer parte da informação deglutida da cultura de massas, ainda não se tornou popular, e nem funcionaria, pois a cultura de massas existe para ser breve e irrefletida<sup>6</sup>, e o que se propõe aqui é justamente um novo comportamento a partir do pensamento, que se daria através da introspecção, da prática, da seriedade e da constância. Ou seja, é necessário promover a reflexão, divulgar o conhecimento, produzir novas culturas não encomendadas, desviar a atenção do consumo para as relações amigáveis, éticas, estéticas.

O ser humano na cultura de massas é vítima e cúmplice. Vítima, porque lhe é dada de fácil acesso, e muitas vezes goela abaixo, uma cultura de imensa pobreza, superficialidade, vulgaridade e inutilidade. E cúmplice, porque continua alimentando a lógica da falta de qualidade dos produtos culturais, à medida que os consome, sob o pressuposto de divertir-se, acompanhar a moda ou valorizar um artista, estilo, região que muitas vezes podem até ser fictícios. Quer dizer, a cultura de massas não trabalha com o artístico, nem com o espontâneo; ela é completamente mercadológica, completamente fria do ponto de vista da criação. Quando a cultura de massas abarcar as manifestações verdadeiramente artísticas e artesanais, toda a concepção de mundo do espectador poderá mudar. Ele será estimulado a conhecer, a criticar, a escolher, a selecionar, a perceber a qualidade característica de cada tipo de manifestação, a compreender o conteúdo a que ela se remete. Sendo assim, como colocamos acima, um ator de sua própria subjetividade, um promotor de sua serenidade e de seu equilíbrio interno e externo, um pensador da própria vida e de sua interferência em outras vidas.

Se é a cultura o que nos diferencia dos demais animais, as autoridades econômicas, artísticas, científicas e a mídia poderiam estimular a produção de objetos e manifestações

---

<sup>6</sup> No sentido de não promover o pensamento crítico e autônomo e, sim, de levar os sujeitos a se alienarem cada vez mais e ocupar o posto de consumidores.

culturais que instigassem mais a inteligência do que a capacidade primitiva de imitação e reprodução. Mas as forças maiores da sociedade, as políticas e as grandes corporações não manifestam interesse em colaborar para uma sociedade pensante, pois isso poderia prejudicar os lucros.

Em relação a esse sistema em que vivemos, ele está, sim, definindo e redefinindo brusca e agressivamente as relações, perpassando pela criação de necessidades cada vez mais novas, o que gera nos indivíduos humanos uma inversão de valores, onde o materialismo e a informática são uma ordem, fazendo com que não haja tempo nem energia para refletirmos, por causa da concorrência, e de uma eterna competição com os outros, com nós mesmos e com o passado.

Esse processo também colabora para a formação de um descontentamento cada vez maior com a vida, e uma secundarização de fatores que foram, e ainda são, determinantes para a felicidade: saúde, tranquilidade, afeto, relações interpessoais, e até tempo para o ócio sem culpa. Com isso a própria indústria farmacêutica lucra em processo cíclico e insustentável do modo de vida na pós-modernidade. Mas não só o capitalismo se faz pesadelo real. É preciso considerar a barbárie humana, o contexto histórico, a singularidade, a cultura; afinal, se o capitalismo foi feito pelo humano, seria um erro separá-lo da própria natureza do humano, o que não significa que, em uma sociedade pensante, uma sociedade provinda do *homo sapiens-sapiens*, o capitalismo deva ser naturalizado; muito pelo contrário, ele pode ser entendido do ponto de vista histórico, mas nunca justificado do ponto de vista ético. Ele pode ser avaliado do ponto de vista econômico, mas nunca poderemos ignorar seus efeitos naqueles humanos que não podem usufruir dos seus caprichos ou, ainda pior, têm suas necessidades mais básicas, e sua qualidade de vida negados por esse sistema político. Neste sentido, considero, pensando em relação às considerações éticas de Morin, que o próprio capitalismo é resultado, e agora também uma das causas, da falta de equilíbrio entre egocentrismo e altruísmo colocados no *Método 6, Ética* (MORIN, 2011).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Respondendo à questão central que anima este texto, afirmo que a compreensão complexa do ser humano e suas limitações devem ser consideradas para não cairmos na

denúncia e punição puras, onde a solução é a remediação, ou seja, devemos entender que também pertencem à natureza humana fatores que consideramos negativos do ponto de vista ético. Porém devemos lembrar sempre que a capacidade racional e emocional do humano (indivíduo) pode transcender as limitações de seu meio (sociedade) e de sua natureza intrínseca, primitiva (espécie), já que também a última pressupõe fatores evolutivos no sentido consciencial da natureza humana. A questão da relação com outros animais pertence à mesma categoria das próprias relações humanas. É necessário o equilíbrio entre egoísmo e altruísmo, e um progresso na inteligência no sentido de ultrapassar definitivamente o antropocentrismo aristotélico.

Sendo assim, a visão complexa, mais uma vez, encontra a lógica que pode preencher a lacuna de outras visões filosóficas sobre o mundo. Ela não nega a intrinsecabilidade da barbárie humana, mas valoriza as regras da civilização em prol do bem coletivo, ela se esforça em explicar a não ética, mas insiste na possibilidade de uma ética comum possível em sociedade.

As ações antrópicas, ou seja, as ações humanas a partir do comportamento natural-social, colocadas aqui, sob aspereza trágica, mas não falsa, dialoga com as questões centrais deste trabalho, por retratarem uma realidade onde outros “valores” se sobrepõem aos da vida, ou seja, na atualidade, como não diferente do processo histórico do humano, as sociedades têm a utopia de progresso a partir de avanços na tecnologia, e nos artifícios que possam levar conforto a baixos preços para o ser humano. Vale dizer, porém, que este conforto não significa felicidade e que muito dele se volta contra a saúde física, mental e afetiva das pessoas. Se as autoridades privilegiassem a ética ao invés do capital, a realidade seria outra; e mesmo que não tivéssemos a rapidez na informação, a sintetização do conhecimento, dos alimentos, dos materiais, e dos medicamentos avançados, seríamos mais felizes e menos doentes.

Quando abordamos o terceiro tema nas questões iniciais deste texto, a ética possível entre humanos e não humanos quis enfatizar que não será possível para os homens estender a ética para os animais, se há um desencontro entre altruísmo e suas atitudes mais simples do cotidiano. É necessário ir além, transcender nossa vizinhança, nosso território, nossa espécie, mas essa será tarefa difícil e incoerente, se não conseguirmos conceber primeiro a transcendência do nosso próprio individualismo, se não conseguirmos considerar iguais àqueles que estão mais perto de nós, no nosso dia a dia. Precisamos abstrair o

telefone e priorizar a presença; precisamos pensar nas pessoas em si, não no sistema operacional que promete trazer pessoas, se não conseguirmos enfim dar prioridade ao presente, ao real e ao que é importante à nossa sobrevivência com qualidade de vida nenhuma mudança será possível. Ler e escrever sobre o assunto não basta, é necessário vivenciar. Como pregou Guattari (1990), as ações devem partir antes da ecologia mental, que se refere à individualidade, à singularidade pessoal do sujeito. Devemos utilizar a máquina a nosso serviço, e não o contrário; e ver em todo indivíduo vivo a própria vida, ao invés da serventia e da antipatia. Assim, sem esforço, estaremos trazendo à pós-modernidade não simplesmente uma remediação aos erros e extravagâncias cometidos, mas um verdadeiro progresso humano.

## REFERÊNCIAS

BRUGGER, Paula. *Vidas Descartáveis; nossos animais de estimação*. ANDA, coluna Tao do Bicho, 2009. Disponível em <http://www.anda.jor.br/13/07/2009/vidas-descartaveis-nossos-%E2%80%9CAnimais-de-estimacao%E2%80%9D>. Acesso em 20/02/2013.

GUATTARI, Félix. *As Três Ecologias*. Campinas, SP: Papyrus, 1990.

MORIN, Edgar. *O método 2: a vida da vida*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

\_\_\_\_\_. *O método 5: a humanidade da humanidade*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

\_\_\_\_\_. *O método 6: ética*. Porto Alegre; Sulina, 2011.

SINGER, Peter, *Ética Prática*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.